
Orquestra de Câmara de Moscou

20/03 (Série Branca) - 21/03 (Série Azul)

Quarteto de Cordas Vanbrugh

16/05 (Série Branca) - 17/05 (Série Azul)

Pinchas Zukerman and Friends

15/06 (Série Branca) - 16/06 (Série Azul)

Nelson Freire

26/06 (Série Branca) - 28/06 (Série Azul)

La Grande Ecurie et la Chambre du Roy

14/08 (Série Branca) - 15/08 (Série Azul)

Lazar Berman

12/09 (Série Branca) - 14/09 (Série Azul)

„Norddeutschen Rundfunks“

18/09 (Série Branca) - 19/09 (Série Azul)

Orquestra Sinfônica do Estado da URSS

10/10 (Série Branca) - 11/10 (Série Azul)

P AIR FRANCE
Première 

L AIR FRANCE
Le club 

 AIR FRANCE
conomique 

A ARTE
 DE VOAR
AIR FRANCE

Rio 2208661 • São Paulo 2572211 • Recife 2247944 • Brasília 2234152 • Belo Horizonte 2263877 • Vitória 2237955 • Porto Alegre 281568 • Curitiba 2222063 • Manaus 2342798 • Fortaleza 2213533 • Salvador 2433203 • São Luís 2212294 • Belém 2237547 • Blumenau 3226940

NELSON FREIRE

Piano

Homenagem a
GUIOMAR NOVAES

Lançamento do áudio visual "GUIOMAR
NOVAES - Uma vida, uma obra"
de autoria de Maria Stella Orsini.

Apoio: — Escola de Comunicação e Artes
da Universidade de São Paulo
— Georges Henri Associados

Sula Jaffé é empresária exclusiva de Nelson
Freire para o Brasil.

Agradecimentos especiais:
Romano Domingues da Silva
Vainer Pedro de Oliveira

Promoção



ELDORADO FM 92.9

APOIO

AIR FRANCE

NELSON
FREIRE

40 ANOS DE MÚSICA



NELSON FREIRE

A crítica internacional o considera um dos pianistas mais transcendentais do mundo. O regente soviético Gennady Rozhdestvensky, após ensaiar com Nelson e a Orquestra Sinfônica de Chicago, em 1987, o Concerto n.º 3 de Rachmaninoff, confidenciou a seu empresário: "Freire é um sonho!" A revista francesa "Le Monde de la Musique" afirma ser sua técnica a mais perfeita que hoje se conhece e o "Times" de Londres, num artigo famoso, o chamou "um verdadeiro leão do teclado".

Com tudo isso, Nelson, no limiar de sua esplêndida maturidade artística, guarda seu mesmo jeito de menino calado, observador, capaz, no entanto, uma vez adquirida a sua confiança pelo interlocutor, de soltar a língua numa conversa imaginativa, perspicaz e sedutora. Mineiramente sóbrio em seus julgamentos, inimigo de qualquer afetação social, amante de tudo o que é bom no Brasil, imune às glórias banais do mundo, Nelson há quarenta anos leva uma vida de inteira dedicação à música.

É bem conhecida sua saga de menino-prodígio. Nascido numa família de fortes aspirações musicais, o temporão Nelsinho veio enfim realizar os sonhos mais antigos de sua mãe, que fizera estudar música os seus quatro filhos mais velhos, na medida das possibilidades da pequenina Boa Esperança, situada na mesma região mineira tão fértil em talentos brasileiros de expressão mundial. Constatados os dotes espetaculares do menino, a família se mudou para o Rio, suportando bem os choques da adaptação graças ao temperamento equilibrado e sensível do chefe da família, quando pai e esposo, e do incondicional sentido de coesão familiar em torno do talentoso pianista-mirim. Após alguma hesitação, a boa estrela de Nelson fez com que seus pais batessem às portas de duas entre as melhores pedagogas do Brasil de então, a pianista gaúcha Nise Obino e a professora Lúcia Branco, de São Paulo, ela própria aluna de Arthur de Greef, famoso discípulo

belga de Franz Liszt. Nas mãos dessas duas sábias artistas, e mediante intenso trabalho, Nelson obteve uma das mais sólidas e impecáveis educações musicais e pianísticas que se possam conceber.

Ao laurear-se, com 12 anos, no I Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro, Nelson já era um artista praticamente formado. Sua estréia em Viena, na Escola Superior de Música, com a Sonata em fá sustenido menor, de Brahms, num concerto da classe de piano de Bruno Seidlhofer, deixou estonteados alunos e professores daquela severa instituição. Nunca se ouvira ali algo de parecido. Poderosa virtuosidade, concepção formal impecável, riqueza miraculosa de matizes, sabedoria suprema da arte do "toucher", ritmo, segurança e comunicabilidade com o público. Em suma, um grande pianista aos 15 anos de idade. Sua profunda amizade com Martha Argerich, desde aquela época, trouxe-lhe o último elemento formativo da juventude. Daí para cá, Nelson foi se fazendo por sua própria conta, ouvindo seus grandes inspiradores — Guiomar Novaes, Rachmaninoff, Horowitz e Rubinstein, entre outros — lutando cada dia em busca de mais e mais expressão, questionando-se a cada passo, elevando sempre mais alto o nível de exigência, cumprindo, enfim, seu belo, difícil e luminoso destino de artista. Nelson fez jus a numerosos prêmios e láureas internacionais. A meu ver, cabe ressaltar um aspecto central de sua música, o seu brasileiromente rico substrato emotivo, que o torna capaz de expressar uma infinita gama de estados de alma, indo do heróico ao lírico, do patético ao mordaz, do apixonado ao burlesco e gracioso, toda a multiplicidade enfim de que é capaz a mestiça, índia, branca e negra alma brasileira. Entre todas as magníficas qualidades do intérprete Nelson Freire, prefiro exaltar aqui sua extraordinária riqueza emocional, que anima sua imaginação exuberante e inspira sua comovente capacidade de poesia.

Gilda Oswaldo Cruz

J.S. Bach (1685-1750)

**Suite Inglesa, n.º 3, em Sol menor,
BWV 808**

Prelude
Allemande
Courante
Sarabande
Gavotte I
Gavotte II
Gigue

L.V. Beethoven (1770-1827)

**Sonata n.º 26, em Mi bemol maior,
“Les Adieux” Op. 81a**

Adagio - Allegro
Andante espressivo
Vivacissimamente

Intervalo

C. Santoro (1919-1989)

Toccatà

Scriabin (1872-1915)

**Sonata n.º 4, em Fa sustenido maior,
Op. 30**

Andante
Prestissimo volando

F. Chopin (1810-1849)

**Mazurca em Do sustenido menor, Op. 41
Mazurca em La menor Op. Post.
Scherzo n.º 1, em Si menor, Op. 20**

Pedimos o especial obséquo de
eliminar qualquer sinal sonoro
de seu relógio digital.

4.^a feira, 28 de junho às 21 horas

F. Liszt (1811-1886)

Harmonies du Soir
(Etudes d'execution transcendante, n.º 11)

J. Brahms (1833-1897)

Sonata para piano em Fa menor. Op. 5

Allegro maestoso
Andante espressivo
Scherzo — Allegro enérgico
Intermezzo — Andante molto sostenuto
Finale — Allegro moderato ma rubato

Intervalo

C. Debussy (1862-1918)

Quatro Prelúdios

Danseuses de Delphes
Ce qu'a vu le vent de l'Ouest
La fille aux cheveux de lin
La cathédrale engloutie

H. Villa Lobos (1887-1959)

Saudades das selvas brasileiras
O cravo brigou com a rosa

S. Prokofiev (1891-1953)

Sonata n.º 7, em Si bemol maior, Op. 83

Allegro inquieto
Andante caloroso
Precipitato

Não se permite gravar ou fotografar
na sala de espetáculos

Próximas apresentações:
LA GRANDE ECURIE ET LA
CHAMBRE DU ROY
JEAN CLAUDE MALGOIRE — Regência
14 e 15 de agosto às 21 hs.

Johann Sebastian Bach (1685-1750)

A vasta obra que Bach deixou para o teclado — da qual se destacam O Cravo Bem Temperado, as Variações Goldberg, as Partitas, as Suítes Inglesas e Francesas — continua sendo, ainda hoje, um dos pilares importantes de todo o repertório. Essa produção riquíssima é, no fundo, uma genial síntese do conhecimento polifônico que, desde o final da Idade Média, irrigava a imaginação dos grandes artistas europeus, Bach, como nenhum outro antes dele, soube transfigurar os arquétipos tradicionais, dando a eles uma nova e grandiosa dimensão. As seis Suítes Inglesas foram provavelmente escritas durante os primeiros anos que o compositor passou junto à Corte de Coethen, ou seja, entre 1717 e 1720. Alguns estudiosos são de opinião que elas teriam sido iniciadas ainda em Weimar, por volta de 1715. Seja como for, obedecendo os cânones da tradicional sequência de danças, Bach elaborou aí uma notável série de obras-primas. A Suíte em sol menor revela — da transbordante vitalidade do Prelúdio aos fogos de artifício da Giga, passando pela introversão e a delicadeza das seções mediais — o extraordinário leque de possibilidades técnico-expressivas do autor. Aí, nada existe que não seja necessário; entretanto, a impressão que se tem é a de uma permanente fartura.

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Transfigurador da estética do Classicismo, prefigurador do movimento romântico, Beethoven foi um dos mais revolucionários compositores da História da Música. Em todos os domínios deu, na expressão consagrada, “passos de gigante”. No âmbito da música pianística, colocou o seu alto virtuosismo a serviço da expressividade, dotou o teclado de ressonâncias orquestrais sem retirar nada da sua especificidade instrumental e, “soberano incontestável do instrumento” (Stravinsky), entregou a esse meio formas emancipadas onde aliou lógica e fantasia. Liszt viu no seu imponente ciclo de trinta e duas Sonatas para piano três fases distintas no qual detectou, sucessivamente, “o adolescente, o homem, o deus”. A Sonata em mi bemol maior, op. 81a — Les Adieux foi escrita entre 1809 e 1810. Seus três movimentos — batizados de O Adeus, A Ausência e O Retorno —, referem-se à partida e à volta a Viena do amigo e aluno do compositor, o arquiduque Rodolfo da Áustria, que abandonara a cidade por causa da sua ocupação pelas tropas de Napoleão. Esse “programa poético”, balizado pelo motivo de três notas ouvido logo no início do primeiro movimento, dá unidade e variedade à partitura. A inquietação da seção de abertura, a melancolia do movimento central e o júbilo do finale concretizam bem a idéia poética de Beethoven.

Cláudio Santoro (1919-1989)

A carreira do amazonense Cláudio Santoro reflete bem a atribulada existência do artista que, no Brasil, decide-se pela música. Ainda muito jovem, foi enviado ao Rio para estudar no Conservatório. Saiu dali um bom violinista que, em 1938, passou a estudar dodecafonismo com Koellreuter. Em 1946, apesar de uma bolsa da Fundação Guggenheim, não conseguiu visto de entrada para os EUA e, assim, acabou indo a Paris para continuar a sua formação junto a Nadia Boulanger. Em 1948, participou do Congresso de Praga que colocou o dodecafonismo no rol da “decadência burguesa”. Entre sérias dificuldades materiais e fases de maior conforto, viveu entre a Europa (notadamente Alemanha) e Brasil. Sua última estadia em Brasília, para onde voltara há onze anos, foi tragicamente interrompida pela morte, que o acolheu em pleno ensaio da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional daquela cidade. Para Gerard Béhague, a produção de Santoro pode ser assim dividida: até 1947, filiação à técnica dodecafônica; entre 1948 e 1960, adoção da estética nacionalista e ideologicamente compromissada; a partir da década de 1960, retomada a ampliação de uma atitude mais experimental. Sua Toccata para piano é de 1954 e nela Santoro prova o quanto era capaz de retirar do instrumento sonoridades atraentes.

Frédéric Chopin (1810-1849)

Se o piano acabou por se transformar no porta-voz privilegiado do movimento romântico, foi sobretudo graças a Chopin que isso ocorreu. Como raros outros, ele foi capaz de fazer com que o piano, a um só tempo, ganhasse especificidade instrumental e passasse a ser o portador de um novo gênero de lirismo. Schumann, um dos seus primeiros ouvintes efetivamente grandes, deu-se conta de imediato na nova linguagem do compositor polonês. Viu que seu pensamento aforismático — concretizado através de melodias sinuosas e inesperadas, de harmonias repletas de efeitos de estranhamento e de uma rítmica ágil — era bem o sinal dos novos tempos. De uma época na qual, mais do que nunca, a arte passava a ser posta a serviço do desvelamento do mundo interior do artista. Não deixa de ser curioso lembrar que, no caso específico de Chopin, a extrema subjetividade encontrou, no plano da sua extroversão concreta, um veículo perfeito nas formas não programáticas dos Estudos, dos Noturnos e das formas baseadas em ritmos de danças. Suas Mazurcas, mais de cinquenta compostas ao longo da vida, continuam a merecer a expressão de Schumann: "escondem canhões entre flores". Seu Scherzo em si menor, op. 20, o primeiro de uma série de quatro, desfaz-se das flores em favor de uma expressão mais direta, quase diabólica.

Franz Liszt (1811-1886)

A criatividade, em Liszt, assumiu múltiplos aspectos. Assim, durante a sua bastante longa vida, ele pôde mostrar-se como grande pianista — talvez o maior da época —, como regente e animador musical, como professor e, enfim, como o compositor de uma copiosa obra.

Deixou-nos partituras em praticamente todos os gêneros, indo da música sacra à profana, da música de câmara à sinfônica, da canção à música coral. Entre as suas muitas inovações, legou-nos do poema sinfônico. Dentro da esfera pianística, trouxe para o instrumento uma série de procedimentos novos que o transformaram, como já se dizia na época, em um "instrumento transcendente". O piano, em Liszt, representa, por um lado, o espaço privilegiado para as explorações do universo sonoro; por outro, torna-se o veículo ideal para a concretização dos mais sutis pensamentos do autor. Não deixa de ser interessante notar que, em suas obras de maior peso, Liszt conseguiu com que as extraordinárias dificuldades de execução sempre resultasse de alguma necessidade expressiva. Harmonies du soir é o penúltimo dos Douze Études d'exécution transcendente, coleção que tomou o seu aspecto definitivo em 1851. É um Andantino em ré bemol maior impregnado de atmosfera contemplativa.

Alexander Scriabin (1872-1915)

Compositor-pianista que, na juventude, mostrava-se um fiel herdeiro de Liszt, Chopin e Tchaikovsky, Scriabin acabou por erigir obra singular na maturidade. Contemporâneo exato de Rachmaninoff, de quem esteticamente se distanciou, Scriabin deixou-nos obras para piano e para orquestra que, no momento em que foram escritas, colocaram o seu autor na vanguarda dos acontecimentos musicais da Europa. Escalas e acordes baseados no intervalo de quarta, melodias rarefeitas em seu pontilhismo e uma agitação sonora capaz de transformar um simples trilo em matéria organizadora do discurso — esses são alguns dos elementos da sua linguagem madura. Místico e socialista, ele morreu antes de completar a sua obra mais ambiciosa — Mistério, cerimônia a reunir sons, cores e perfumes para ser levada a um auditório erotizado, em pleno Hímalaias... Dentro de sua produção pianística dez sonatas ocupam lugar privilegiado. A quarta delas, a Sonata em fá sustenido maior, op. 30, datada de 1904, é obra-chave no sentido em que mostra-nos o compositor fazendo as suas primeiras experiências radiciais e maduras. Seus dois únicos movimentos têm em comum o motivo que abre a peça, que para o compositor significava "o vôo do homem em direção à estrela, símbolo da felicidade".

Johannes Brahms (1833-1897)

Se Brahms foi, entre os artistas do Romantismo, aquele que se manteve o mais próximo possível dos ideais do Classicismo, sem com isso cair em uma posição meramente acadêmica, nada mais natural que a sua produção para piano também revele esse desejo. De fato, nas numerosas partituras que destinou ao piano, Brahms parece ter-se contentado em continuar na exploração de alguns caminhos criativos anteriormente abertos por Beethoven, não se curvando à tendência virtuosística de sua própria época. Grande instrumentista desde a adolescência, tornou-se um intérprete respeitado que, diferentemente de Liszt, impôs-se mais pela expressividade do toque do que propriamente pela prestidigitação. Suas próprias obras entregam ao instrumentista enormes dificuldades de execução, aí colocadas levando em conta apenas as necessidades do pensamento musical. A sua enorme Sonata em fá menor, op. 5, data de 1853 e, portanto, pertence à sua primeira fase criativa. Mas seus cinco movimentos — em vez dos esperados quatro — já nos revelam um artista de posse de um vocabulário bastante pessoal. A turbulência das seções rápidas e a generosidade melódica do Andante expressivo são as marcas distintivas desse momento juvenil do artista.

Claude Debussy (1862-1918)

Debussy forjou a expressão “piano sem martelos” para fornecer ao público uma idéia do que desejava fazer com esse instrumento — transformá-lo em algo novo. Para ele que se acreditava, com toda a razão, ser o detentor das “últimas conquistas da química harmônica”, o piano precisava perder a sua raiz percussiva para ganhar uma fisionomia inédita, a de um autêntico gerador de frequências sutilmente amalgamadas. E foi com esse instrumento que recriou que Debussy, de maneira felina, realizou a sua “revolução com charme”. Suas obras maduras dentro desse domínio flagram o artista revolvendo e dissolvendo os elementos sintáticos da linguagem musical, arriscando-se em aventuras que, em definitivo, abririam as portas da Modernidade. Seu primeiro livro de Préludes — doze peças escritas entre 1909 e 1910 — propõe, a partir do título de cada obra, a criação de atmosferas propícias à identificação do ouvinte com o tema proposto — paisagem ou personagem. Por trás desses títulos, entretanto, a matéria sonora impõe-se como informação nova, como gesto libertário. Assim, dançarinas, vento, moça e catedral não são mais que diáfanos biombos que, por assim dizer, procuram tornar os labirintos criativos menos abissais.

Heitor Villa-Lobos (1887-1959)

A produção de Villa-Lobos é, reconhecidamente, uma das mais volumosas de nosso tempo. Fantástico melodista, ele jamais parece ter-se inclinado a fazer render suas melodias através dos processos de desenvolvimento temático ou da variação. Seu mundo, portanto, é o da melodia larga e esparramada, que se espraia por sobre uma harmonia fortemente tonal — mesmo quando, aqui e ali, ela soa politonal — e que se apóia sobre uma rítmica sempre muito colorida e marcante. Villa-Lobos é um rapsódico que se encantava com as novelas de rádio, com os filmes de aventura e que pretendia dar uma imagem sonora do Brasil eufórica, para não dizer ufanista. E ela nos encanta, hoje, não especialmente pela sua questionável modernidade, mas por revelar-nos algo do que somos, no atual estágio da nossa cultura: prolixos, intoxicados com a nossa paisagem, com a variedade de que somos feitos e sempre obrigados a tomar de empréstimos do exterior os meios expressivos propícios para a extroversão do nosso temperamento. Saudades das Selvas Brasileiras (1927) e O cravo brigou com a rosa (1926) integram a sua numerosa produção pianística, na qual o compositor, apropriando-se de um vocabulário tipicamente europeu, forneceu-nos mais uma imagem da sua brasilidade.

Serguêi Prokofiev (1891-1953)

Foram vários os compositores do nosso século que, depois de terem pertencido aos movimentos de vanguarda na juventude, voltaram-se para as formas mais tradicionais de expressão, na maturidade. Prokofiev foi um deles. Quando ainda era um aluno do Conservatório de São Petersburgo, chocou professores e colegas com suas obras repletas de asperezas harmônicas e rítmicas. Pianista fora do comum, concebia, então, peças para o seu instrumento dotadas de um agressivo tom percussivo. Bem mais tarde, quando então se engajara na prática de fazer com que a música fosse compreendida por um auditório o mais amplo possível, passou a explorar os velhos arquétipos clássico-românticos, injetando-lhes a sua considerável verve melódica. A sua Sétima Sonata — a segunda de uma série de três — foi escrita durante a Segunda Guerra Mundial, em 1942. Ritmos de marcha, grandes aglomerados sonoros e o martelar de acordes fazem referências simbólicas aos acontecimentos históricos. Entre o clima quase atonal do primeiro movimento e o tom assimetricamente percussivo, de difícil execução do final, o lírico Andante caloroso expõe uma cantável melodia ambientada na peculiar harmonia do compositor.

Notas de programa:
J. Jota de Moraes

A Cultura Artística é uma entidade particular, sem fins lucrativos, a mais antiga organização produtora de espetáculos em São Paulo. Trabalhamos com recursos provenientes da venda de assinaturas e ingressos de nossas apresentações e da cessão de nosso Teatro para as mais variadas atividades, incluindo peças teatrais, concertos, shows, seminários e convenções.

Para tornar possíveis nossas realizações, entretanto, necessitamos contar com o apoio de pessoas físicas e jurídicas. Queremos aqui agradecer a todos aqueles que, por meio de doações e patrocínios, prestigiaram nossas mais recentes Temporadas.

Alcoa Alumínio
Associação Alumni
Banco Nacional S.A.
Banco Safra S.A.
Banco Sogeral S.A.
CCE - Audio / Vídeo / Informática
Companhia Brasileira de Alumínio
Embesa Indústria e Comércio
Fundação Japão
IBM Brasil
ICI Brasil
Indústria Klabin de Papel e Celulose
Instituto Italiano di Cultura
Mercedez Benz do Brasil
Metal Leve
S.A. Indústrias Votorantim
Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa
The British Council
Unibanco
USIS
VITAE

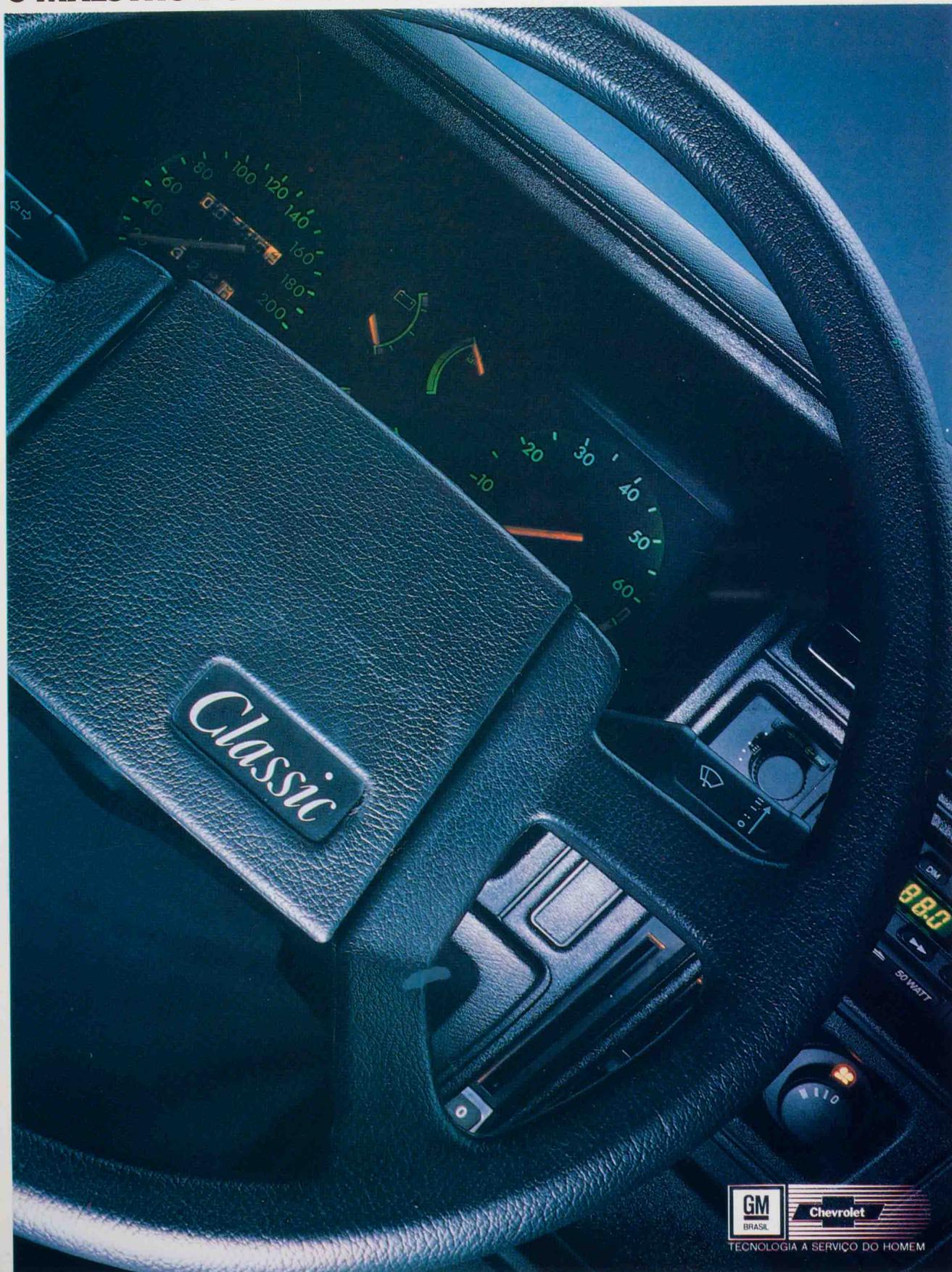
Se você quiser participar das apresentações programadas para este ano, entre em contato conosco. Teremos satisfação em veicular o nome de sua empresa a toda a divulgação de nossos espetáculos.

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196
01303 São Paulo SP
Fone 256.0223
Bilheteria 258.3616

Reconhecida de Utilidade Pública por decreto Federal, Estadual e Municipal
Inscrita no Ministério da Cultura
sob n.º 35.000.386/86-30 (Lei Sarney)

CULTURA ARTÍSTICA

O MAESTRO DO SILÊNCIO.



Monza Classic. Uma obra-prima da tecnologia Chevrolet.

